

RIZOMA E HIPERTEXTO EM *NOVE, NOVENA*, DE OSMAN LINS Análise da narrativa *Um ponto no círculo*

Tatiana Gomes Leandro MATZENBACHER
Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre/RS
tatimat@gmail.com

RESUMO: O presente artigo procura articular os conceitos de “Rizoma” (DELEUZE, 1995) e “Hipertexto” (LÉVY, 1996), verificando as diversas formas como se apresentam no texto literário contemporâneo, tais como as possíveis relações do homem com as diferentes instâncias de apreensão do mundo; a instantaneidade; a formação de imagens; a possibilidade de múltiplas perspectivas; as ligações não-sequenciais, entre outras. Além de o texto literário possibilitar essa rede de relações, pode-se identificar não-mais um texto basilar de referência, e, sim, uma conexão de imagens e referências que fluem na narrativa, em especial a contemporânea. Tais procedimentos rizomáticos e hipertextuais são evidentes no texto *Um ponto no círculo*, da obra *Nove, Novena*, de Osman Lins.

Palavras-chave: Rizoma; Hipertexto; Literatura; Osman Lins.

ABSTRACT: This article aims to develop the concepts of “Rhizoma” (DELEUZE, 1995) and “Hypertext” (LÉVY, 1996) by verifying the several forms which these are presented on the contemporary literary text, as how the possible relations between the individual and the different instances of world’s apprehension; the instantaneity; the images formation; the possibility of multiple perspectives; the non-sequential connections, among others. Besides the literary text allows this network of relations to happen, it is also possible to identify no longer a principal text of reference but a connection of images and references that flow onto the new narrative. This way it is possible to perceive these rhizomatic and hypertextual phenomena on the text *Um ponto no círculo*, presented on the work *None, Novena*, by Osman Lins.

Keywords: Rhizoma ; Hypertext ; Literature ; Osman Lins.

RÉSUMÉ: Cet article parle sur les concepts rhizome et hypertexte, en vérifiant des différentes manières qui apparaissent dans le texte littéraire contemporaine, comme les possibles relations de l’homme et ses différentes sphères d’interprétation du monde, l’instantanéité, la formation des images, la possibilité de multiples perspectives, les relations non-sériels, entre autres. De plus, ce n’est pas possible identifier un texte référent, mais surtout une conection des images et des références qui épanchent dans la nouvelle narration. De cette façon, c’est possible percevoir ces phénomènes rhizomatiques et hypertextuelles sur le texte *Um ponto no círculo*, présent dans l’oeuvre *Nove,Novena*, écrit par Osman Lins.

Mots-clés: Rhizome; Hypertexte ; Littérature; Osman Lins.

1 Rizoma e hipertexto

Em *Mil platôs*, Gilles Deleuze (cap. 1,1995) afirma que o livro segue uma lógica rizomática de relação com o mundo e com os aspectos exteriores ao seu conteúdo. Há livros originais que serviram de ponto de partida para a existência de outros livros e de outras histórias, mas essa visão da literatura está superada: há, sobretudo, a produção literária que não se conecta a uma matriz e, sim, a uma rede complexa e heterogênea. Essa rede estabelece conexões caracterizadas pela multiplicidade, pelas linhas que tomam rumos diversos, que se rompem e

se restabelecem em um plano no qual já não se é capaz de identificar um pivô genealógico, mas até entre diferentes naturezas.

O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; (...) Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. (...) O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. (DELEUZE, 1995, p. 32)

A lógica do rizoma proposta por Deleuze permite estabelecer relações com o conceito de hipertexto (LÉVY, 1996), quando este alude a um espaço de informação virtual no qual há uma rede que conecta a idéia exposta a outros links, a outros textos, outras visões e possibilidades. A fim de conceitualizar *hipertexto*, Pierre Lévy (1996) traça paralelos entre esse fenômeno e o trabalho da leitura, que consiste em um esforço de “rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido” (p. 36). Assim, afirma que esse sentido é construído durante o percurso da leitura e do contato com o texto. Nesse contato, a relação com outros textos e o ato de ativar a gama de percepções possíveis é o que acaba constituindo o leitor e o ato da leitura. Dessa forma,

Aqui não é mais a unidade do texto que está em jogo, mas a construção de si, construção sempre a refazer, inacabada. Não é mais o sentido do texto que nos ocupa, mas a direção e a elaboração do nosso pensamento, a precisão da nossa imagem do mundo, a culminação de nossos projetos, o despertar de nossos prazeres, o fio de nossos sonhos. Desta vez o texto não é mais amarrotado, dobrado feito bola sobre si mesmo, mas recortado, pulverizado, distribuído, avaliado segundo critérios de uma subjetividade que produz a si mesma. (LÉVY, 1996, p. 36)

Ora, se hipertexto trata de “textos”, refere-se, portanto, ao tramar de idéias, de palavras, de perspectivas variadas do mundo. Dessa forma, o conceito de hipertexto não se restringe à plataforma do ciberespaço, abarcando, assim, outros suportes e/ou gêneros também virtuais, pois há um livre trânsito entre pensamento, leitura e texto. Como Lévy (1996) considera, nesse livre caminho, a passagem ao hipertexto é uma virtualização, no sentido de perceber o texto atual como uma nova fonte móvel e reconfigurável, capaz de conectar-se a outros textos, outras imagens, multiplicando produções de sentido. Assim, é possível perceber que a virtualização

Não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: (...) a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção à essa interrogação. (LÉVY, 1996, p. 18)

2 As teias rizomáticas e hipertextuais em *Um ponto no círculo*

O processo da leitura literária também desencadeia esse fenômeno hipertextual, no momento em que o texto lido remete o leitor a seu horizonte de experiências e expectativas e a tudo o que o leva a aceitar ou refutar as idéias expostas. Também dessa maneira, muitos textos literários têm em sua estrutura configurações hipertextuais e rizomáticas – hipertextual no sentido das conexões possíveis com outras bases de dados e de possibilidades; e rizomática no sentido de não haver uma estrutura “pivô” predeterminada que influencie na formação original do texto. A narrativa, estrutura que possibilita esses fenômenos, seja na forma das metanarrativas, seja como texto ficcional, é a estrutura que se presta para não somente abrir espaço para enxergarmos essas possíveis relações, como também para servir de indicador das tendências contemporâneas de produção (e recepção) literárias, no momento em que rompe com o padrão linear de “contar” histórias e, dessa maneira, permite o estímulo a outros sentidos e outros caminhos a tomar ao longo da leitura.

De certa maneira, essa é a lógica presente em *Nove, Novena*, de Osman Lins, no momento em que não se trata de um livro de contos e sim de “narrativas”. Ora, o que difere um conto de uma narrativa? No dicionário eletrônico Houaiss, temos no verbete “conto”, como primeira acepção, um sentido ligado à literatura: “narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço geralmente limitado a um ambiente), unidade de tempo e número restrito de personagens”. Já no verbete “narrativa”, encontramos o sentido literário apenas na quarta acepção (“narrativa: prosa literária caracterizada pela presença de personagens inseridos em situações imaginárias; ficção”). Na ordem de significados para o termo, encontramos no topo da lista algo mais fluido que permite estabelecer nexos que vão além da literatura: “exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens”.

Torna-se clara, assim, a proposta de *Nove, Novena*. A narrativa, sendo um aspecto intrínseco às atividades de coletividade, é rizomática não por se limitar às formas da ficção e, sim, ao estabelecer conexões com as outras maneiras de apreensão e percepção do mundo. É o que acontece no conto *Um ponto no círculo*, com a sensação de estarmos cegos e, aos poucos, enxergarmos as conexões que os personagens estabelecem por meio de suas próprias vozes, algo que seria um encontro ordinário entre um homem solitário e uma prostituta torna-se, para quem lê, um universo de conexões que extrapola o tempo e o espaço da ficção. Não há apenas um conflito, como prevê Houaiss sobre o significado da palavra “conto”. Há a evidência de fluxos de consciência hipertextuais, que ligam percepções dos personagens sobre o momento a níveis mais profundos de suas memórias, da herança do homem primitivo, da natureza, da história da humanidade:

▽ Ele fechou a porta, sem cuidado; sabotou a blusa. Numerosos insetos, aves, peixes, plantas e quadrúpedes, há cinco mil anos, povoavam o Nilo e suas margens. (...) Onde estarão, no múltiplo, vário e excessivo ser que em mim reconheço, aqueles perfis exatos – de abutre ou de serpente alada – descobertos pelos escribas do Nilo? (LINS, 1966, p. 28,29)

Vemos, na escrita de Osman Lins, traços evidentes de hipertextos, no momento em que a construção dos sentidos ao longo da narrativa não provém de um texto-fonte, mas de um combinado de “nós” que se emendam e que remetem a outros nós, a outras estruturas verbais e não verbais. Nessa mesma lógica, Marcuschi (1999) reúne um conjunto de características que definem *hipertexto* e que cabem, portanto, à análise dessa obra: entre elas, a não-linearidade, a volatilidade, a fragmentalidade, a acessibilidade ilimitada, a multisssemiose (capacidade de interconectar linguagem verbal e não-verbal), a interatividade. O hipertexto é, portanto, a polifonia que colabora na construção de um texto e que permite que este não esteja atrelado a um só pensamento, mas que seja formado por esse conjunto de vozes. Vozes essas que respeitam o ritmo do espaço virtual e, assim, colaboram para a construção imagética instantânea.

Desse modo, as impressões que os personagens manifestam sobre o momento tomam formas instantâneas, que se ligam a outras memórias, a outras impressões. A memória, no entanto, não aparece no texto como um fator de reconstrução do passado, de reminiscência, no sentido de estabelecer uma ordem cronológica de entendimento, mas como um elemento de relação possível. A memória em *Um ponto no círculo* não é o ponto de partida nem de chegada da narrativa: ela ativa instâncias virtuais que têm por objetivo criar imagens que remetem ao espaço da narrativa. Na forma de fluxo de consciência, a memória do personagem é o átimo no qual se busca elementos familiares possíveis de ser relacionados ao momento. Nesse sentido, um personagem serve *aparentemente* de contraponto aos pensamentos do outro, sem que assim se estabeleça um sujeito e um objeto, dois pólos. A fluidez de seus pensamentos tem início muito antes do encontro e mostra como, nas palavras de Deleuze (1995), não há uma raiz, ou mesmo uma convergência. Há, sim, uma expansão em cadeia que ocorre em uma mesma dimensão: a do pensamento, a das palavras, a da narrativa.

□ Mulher nenhuma, até ontem, desatara os cabelos para mim. Lembro-me de quando ouvi, adolescente, um concerto de trompa, instrumento que acreditava destinado a papel secundário nas orquestras. Agora, tento imaginar os complexos toucados [sic] que estiveram em uso noutras épocas. (...) Agora, como os arqueólogos que pensam reconstituir, graças ao pedaço de asa encontrado numa rocha, aves novas e as curvas de seu vôo, poderia compor, para a desconhecida, todo um mundo, a partir do fragmento deixado neste quarto. (LINS, 1966, p. 23-25)

Esses fluxos de consciência não somente se referem à memória – da humanidade ou do indivíduo – mas à dimensão que o ser humano tem de suas infinitas esferas de existência. Isso tende a ser rizomático, visto que não há processos lineares e delimitados na formação do homem e de sua consciência. Assim, vemos, em *Um ponto no círculo* que, enquanto o homem é o que se mantém aparentemente atrelado aos quatro cantos da pensão, às suas memórias individuais, ao espaço onde se encontram e à situação presente (“Se chove, espero que passe; nunca vou de ônibus. Tomo café, deito-me. Desço nas horas das refeições, converso um pouco na sala de jantar”. p. 24), a mulher alça um vôo que extrapola o físico, divagando sobre sua figura feminina que se conecta à imagem do quadro, à história da humanidade e tudo àquilo que já existia muito antes da sua própria existência. Ele passa a assumir a forma do quadrado, representando o racional, o objetivo; ela, o triângulo, o delta de Vênus, o irracional, o subjetivo. Nesse desejo de compreenderem suas “formas”, há sempre presente nesta narrativa a intenção de estabelecerem relações entre o que vivenciam e o que constitui sua essência humana:

□. Por isto exulto ao perceber que o homem, a quem pela primeira vez encaro, tem um olho de vidro. Não se fazem olhos de vidro para ver, como os olhos autênticos, o transitório das coisas. Eles imitam o orgânico e suprem vazios com sua neutra e específica existência. A perfeição de tão frágeis objetos está no rigor técnico, no ajustamento ao tecido vivo, na ausência de asperezas, no brilho discreto e sobretudo em não ver. Equivocam-se, portanto, os que lamentam a cegueira de tais peças, esquecidos de que elas não foram concebidas para ser videntes e corruptíveis. Os olhos de vidro são contempladores abstratos do eterno. Assim talvez não se perca, diante desse homem, meu lado geométrico. (...)

▽ Desejaria ser, em parte, como essa adolescente [ilustrada em um quadro], e sustentar com doçura, ano após ano, também emoldurada, meu ramo sempre verde, sua corola imortal. (LINS, 1966, p. 23-27)

Ambos transferem, portanto, suas perspectivas para dentro de um espaço não linear: aproximam-se da imagem de um ponto no círculo. Com a consumação do sexo, ao longo da história, eles agregam suas formas retas em uma forma plana e circular, remontando, como menciona a citação de João Cabral de Melo Neto, presente na abertura de *Nove, Novena*, às “forças simples da natureza”, à forma arcaica encontrada hoje apenas no plano das palavras e das idéias. A busca dos personagens pela definição de suas linhas acaba por torná-las mais difusas, menos nítidas, mais entrelaçadas e rizomáticas por tudo aquilo que os precede. Conectam-se, dessa forma, pelo que há de orgânico e subjetivo na condição humana. A polarização do homem e da mulher na narrativa é aparente, assim como o é a convergência ao ponto no círculo. Essa simbologia sugere, no entanto, a planificação das esferas, pois já não há mais um ser totalmente quadrado nem outro totalmente triangular. O ponto no círculo representa as forças híbridas que compõem o ser humano e suas relações, sem que haja uma *cadeia* de fatos, experiências, memórias, sensações e, sim, uma *teia* de tudo isso. Nesse sentido, torna-se impossível ordenar a relação do homem com o mundo. As leituras diversas

que o sujeito realiza dos diferentes “textos” e suas conexões estabelecem sua lógica hipertextual de apreensão e interpretação da realidade.

O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de “devires” (DELEUZE, 1995, p. 33)

Assim, é possível perceber que a literatura, principalmente a contemporânea, afasta-se cada vez mais de referenciais específicos, conectando suas temáticas às diversas perspectivas do mundo. Sem que haja, portanto, uma “ordem arbórea” da literatura, e pertencendo ao campo da ficção, é nela que as conexões rizomáticas e hipertextuais se manifestarão, por meio dos símbolos e metáforas que o homem interpreta na ordem do imaginário e por isso carregam uma natureza mutável, inconstante, imprevisível. Nesse sentido, ela se aproxima, como vemos na obra de Osman Lins, da essência de um homem mais real, dos conflitos e das vivências de um ser que não é somente composto por uma genealogia previsível – pai, mãe, avós, bisavós, etc. – mas também por tudo o que vai além de seus genes: o tempo, o espaço, seu conhecimento, suas relações, sua metafísica.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LINS, Osman. *Nove, Novena*, narrativas. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas, n. 3, p. 21-45, jan/jun. 2001.